

PARA ONDE VÃO OS CIENTISTAS SOCIAIS?: Um Dossiê

João Pedro Theves¹
Caroline Matias da Rosa²
Nanda Carolina³
Elisa Polaquini Becker⁴
Soraya Fleischer⁵

Resumo: O dossiê “Para Onde Vão os Cientistas Sociais” da Revista Todavia aborda a atuação profissional de cientistas sociais, tema que gera dúvidas, mas também revela um amplo campo de possibilidades. A publicação é fruto de iniciativas, tanto por parte do PET Ciências Sociais (UFRGS) quanto da experiência como docente da Prof^a. Soraya Fleischer (UnB), na disciplina “Antropologia e mercados de trabalho”. O dossiê reúne 14 produções (artigos, ensaios, entrevistas e materiais artísticos), evidenciando as possibilidades de práticas profissionais para além da pesquisa acadêmica tradicional.

Palavras-Chave: Atuação Profissional; Ciências Sociais; Mercado de Trabalho; Formação.

O QUE JÁ FIZEMOS?

Ao nos debruçarmos sobre o tema da atuação profissional de cientistas sociais, emergem inseguranças, dúvidas e incertezas. Contudo, entre sentimentos diversos, revela-se, também, um amplo campo de possibilidades — as quais buscamos evidenciar neste dossiê. Ao lançar esta edição temática, a Revista Todavia, organizada por estudantes do PET Ciências Sociais da UFRGS, soma-se a um conjunto de iniciativas do Programa que, há dois anos, vêm procurando trazer para o centro do debate uma questão recorrente entre os discentes e egressos do curso: “Para onde vão as/os cientistas sociais?”.

Desde a realização da primeira Semana Acadêmica das Ciências Sociais, em 2024, em que foi promovida uma mesa dedicada ao campo profissional, tornou-se evidente o quanto essa discussão mobiliza e interpela as/os estudantes. A partir disso, o PET Ciências Sociais passou a estruturar projetos voltados a tensionar e ampliar essa agenda, como “Conhecendo as Ciências Sociais” e “PET – Interação com o Mercado Profissional”. Tais iniciativas buscaram

¹ Licenciando em Ciências Sociais (UFRGS), Coordenador de Editoração da Revista Todavia. joao.theves07@gmail.com

² Mestranda em Comunicação Social (PUCRS) e Bacharela em Ciências Sociais (UFRGS). Editora Convidada da Revista Todavia. carolmatiasrosa@gmail.com

³ Bacharelanda em Ciências Sociais (UFRGS), Editora e Coordenadora de Comunicação da Revista Todavia (UFRGS). nandacarolina29@gmail.com

⁴ Bacharelanda em Ciências Sociais (UFRGS), Editora e membra da Equipe de Comunicação da Revista Todavia (UFRGS) elisapbufrgs@gmail.com

⁵ Doutora em Antropologia Social pela UFRGS, professora do Departamento de Antropologia da UnB, soraya@unb.br

promover atividades capazes de aproximar a formação acadêmica das múltiplas possibilidades de inserção profissional, fomentando reflexões sobre competências, práticas e campos de atuação.

Nesse mesmo movimento, eventos como a I Escola de Inverno contribuíram para consolidar esse esforço, ao oferecer formações metodológicas voltadas à prática profissional, com temas como políticas públicas, construção de indicadores sociais, gestão de projetos, entre outros. Essas experiências evidenciam a potência de espaços formativos que articulam teoria e prática, ampliando o horizonte de atuação das cientistas sociais para além dos circuitos acadêmicos tradicionais.

É também nesse contexto que se insere a contribuição da Prof^a. Soraya Fleischer. Faz alguns anos que ela criou a disciplina “Antropologia e mercados de trabalho” para o curso de graduação em Antropologia da Universidade de Brasília (Fleischer, 2017). Ela aproveita o cenário profissional da capital federal e leva sua turma para visitar diferentes antropólogas que trabalham em diferentes órgãos públicos (IPHAN, INCRA, FUNAI, Ministério da saúde, Senado Federal, por exemplo) e privados (sistema ONU, organizações não governamentais, empresas de consultoria etc.). A partir do cenário de trabalho destas colegas, aprende-se sobre *dress code*, mobiliário e arquitetura do lugar, equipes e chefias, tarefas e cotidiano laborais. Na última edição, no segundo semestre de 2025, alguns alunos não encontraram algumas ocupações da Antropologia no programa da disciplina. Para acolher essas demandas, a professora sugeriu que antropólogas dessas outras ocupações fossem entrevistadas. Proposta aceita, cada estudante escolheu uma profissional para contatar e visitar. A estudante leu parte de sua produção, preparou um roteiro personalizado, marcou o horário e entrevistou a colega de área. Depois, a entrevista foi transcrita pela estudante e revisada pela entrevistada. Um dossiê com meia dúzia de conversas foi apresentado à revista Todavia. Editoras e comissão científica acolheram com entusiasmo o dossiê.

Foi, portanto, a partir dessa convergência de inquietações e iniciativas que nossos caminhos se cruzaram, na intenção de construir um espaço coletivo de reflexão e visibilidade sobre esta temática. Este dossiê propõe, então, reunir experiências, trajetórias e análises que evidenciam as práticas e potencialidades que nós, cientistas sociais em formação ou graduadas, desenvolvemos em diferentes contextos de atuação, tensionando as fronteiras do campo profissional para além da pesquisa acadêmica tradicional – embora a prática de pesquisa quanti e/ou qualitativa seja cotidiana para muitas antropólogas que trabalham em outros espaços que não acadêmicos. Justamente, para proporcionar um espaço tanto para o

público formado quanto o em formação, o dossiê acolhe diferentes tipos de produções. Contemplamos desde trabalhos sobre experiências profissionais até reflexões sobre os efeitos de determinados projetos e disciplinas na capacitação e no desenvolvimento de habilidades úteis à atuação profissional, totalizando um conjunto de 14 produções: artigos, ensaios, entrevistas e materiais artísticos.

A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE CIENTISTAS SOCIAIS: uma (breve) revisão

Cientista: "O que se dedica à ciência; especialista numa ciência". Social: "Coletivo; que pertence a um grande número de pessoas" (Dicio, 20[--]). Da junção dessas palavras, substantivo mais adjetivo, emerge uma profissão: cientista social. Contudo, diferente de outras ocupações, esta não está bem definida no imaginário coletivo. Ironicamente, a profissão explorada ao longo deste dossiê nasce, justamente, do que não a compreende.

No século XVIII, a partir do iluminismo e da Revolução Industrial, a sociedade se complexificava cada vez mais, com o êxodo rural e diversificação profissional. Diante desse cenário, a clássica figura fundadora da Sociologia, Auguste Comte, propôs uma disciplina que objetivava estudar como manter essa sociedade coesa. Tempos mais tarde, essa disciplina, inicialmente chamada de física social, desenvolveu-se no que entendemos hoje por Sociologia, que ainda intenta a compreensão do social, mas abandona o caráter impositivo do seu nascimento.

Além dela, os estudos nas Ciências Sociais compreendem o que foi desenvolvido e esquematizado por Bronislaw Malinowski nas Ilhas Trobriandesas: a Antropologia. Atentando-se às mais diversas esferas da vida social, essa disciplina desenvolveu a metodologia etnográfica, consistindo em um profundo mergulho na alteridade. Atualmente, além da alteridade *alhures*, a Antropologia também se ocupa em estranhar o familiar, desnaturalizando até mesmo as concepções que possibilitaram sua origem e os espaços onde é realizada dentro das universidades e laboratórios.

Por fim, somando-se às disciplinas anteriormente apresentadas, a Ciência Política constitui uma área fundamental no campo das Ciências Sociais. Seu desenvolvimento é tradicionalmente atribuído a Nicolau Maquiavel, mas a disciplina rapidamente superou o foco restrito nas conquistas territoriais ou nas estratégias para a manutenção do poder. Diante da crescente complexidade e multiplicidade da vida social, a Ciência Política passou a investigar as mais diversas formas de ação e organização no mundo, ampliando seu horizonte analítico para além do Estado e das instituições formais de poder.

Tudo bem, você pessoa leitora deve estar pensando, mas afinal o que faz uma cientista social? Esse dossiê foi desenvolvido, justamente, com o intuito de explorar as possibilidades, afinal sabemos que a prática científica é a base da nossa formação, mas, ao final do curso, o que podemos fazer com ela?

As Ciências Sociais têm, desde sua origem, estabelecido uma relação bastante complexa com o mercado de trabalho, sobretudo, em espaços não acadêmicos. No entanto, é notório que, nas últimas décadas, profissionais formadas nesse campo têm ocupado uma gama cada vez mais diversa de espaços e funções. Seja na pesquisa aplicada, na elaboração de laudos antropológicos e de relatórios técnicos, na formulação e avaliação de políticas públicas, na gestão de projetos sociais e estratégicos, em diagnósticos de cenários sociais e culturais, em estudos de inteligência de mercado, na elaboração de pesquisas eleitorais, na criação de conteúdos para redes sociais, podcasts e outros produtos midiáticos voltados à divulgação científica, o conhecimento das Ciências Sociais tem sido continuamente mobilizado e ressignificado em múltiplos contextos.

Nesse cenário, torna-se urgente pensar as Ciências Sociais para além de seus moldes tradicionais, compreendendo o alargamento das possibilidades de sua prática profissional no mundo atual. Trata-se não só de reconhecer o uso do conhecimento produzido pelo campo, mas também de explorar e validar outras formas de experiência e possibilidades. Nesse sentido, pensar as trocas e as mediações entre os saberes acadêmicos e os saberes oriundos do exercício cotidiano da profissão em contextos diversos — públicos, privados, coletivos e independentes — permite-nos afiar o olhar às perspectivas de atuação das nossas profissionais. Essa expansão do ofício tem produzido novas trajetórias que tensionam os modelos clássicos de formação e atuação. Ao mesmo tempo, esses diferentes horizontes contribuem para desenvolver novas formas de produção do conhecimento, teórico ou metodológico, e de intervenção social, sem abrir mão dos critérios éticos e epistemológicos próprios do campo.

Estas e outras reflexões foram, nos últimos anos, desenvolvidas em contextos acadêmicos pela necessidade de ampliar o debate e, ao mesmo tempo, entender como se situa o cenário na atualidade. Aqui, nos atemos a mencionar três trabalhos que instigaram estas que você lê: O primeiro deles é o dossiê “Desafios para a atuação de antropólogos/as: Problematizando a formação, ética e narrativas de trabalho”, publicado pela revista *Áltera* (UFPB) e organizado por Débora Allebrandt, Pedro Nascimento, Soraya Fleischer. A partir de uma intensa invalidação do trabalho da Antropologia, sentida em 2015, em virtude da CPI da

FUNAI e do INCRA. Capitaneada por parlamentares característicos da bancada BBB – boi, bala e bíblia – a CPI ajudou “a criar uma esfera de demonização e achincalhamento do que fazemos” (Allebrandt et al, 2017, p. 9). À época da CPI, havia “21 colegas (...) indiciados/as por essa CPI e (...) na mira da criminalização direta (e tantos outros/as que têm sido ameaçados/as e mortos/as)” (idem, p. 11). O referido dossiê publicou oito artigos com o ímpeto de explicitar o nosso labor, reforçar nossas ferramentas e, sobretudo, fortalecer o nosso compromisso com as tantas populações com quem trabalhamos em colaboração e que são, continuamente, atingidas de tantas formas pelo grande e nefasto capital.

O segundo também é um dossiê, mais recentemente, “Antropologia para além da academia: pesquisas aplicadas, metodologias criativas e desenvolvimento profissional” publicado pela Revista Iluminuras (UFRGS) e organizado por Maria Carmencita Job, Margret Jaeger e Eréndira Martínez Almonte. O dossiê buscou identificar quais caminhos são possíveis trilhar a partir do desenvolvimento profissional ativo de antropólogas, podendo assim, refletir sobre a ampliação profissional (Job; Jaeger; Martínez Almonte, 2025). Apoiado pela abordagem constituinte da própria Antropologia, por meio do método etnográfico, o trabalho de campo se desdobra em novos dispositivos de disseminação. Por meio de conceitos, categorias e peças de projetos estratégicos realizados para marcas e negócios, adentramos os estudos de inteligência de mercado, os diagnósticos de cenários análogos, a publicação de peças criativas em redes sociais e a produção de podcasts. A construção do dossiê, repleto de trabalhos como os propostos aqui, amplia um pouco o horizonte dos lugares em que as Ciências Sociais — e no caso do dossiê, a Antropologia — podem estar como campo disciplinar, bem como, seus profissionais.

De forma complementar aos caminhos explorados pela Revista Iluminuras, fomos instigadas pela pesquisa “Onde estão os cientistas sociais? Conhecendo a profissão e o mercado de trabalho”, publicada em 2024 e produzida pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em parceria com Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Brasileira de Ciências Política (ABCP) e Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). O levantamento buscou conhecer mais sobre o mercado de trabalho para pessoas formadas em Ciências Sociais, Antropologia, Sociologia, Ciência Política e Relações Internacionais. Conforme o relatório, a pesquisa foi realizada em duas frentes: a) aplicação de um *survey* online, com o objetivo de captar informações e percepções sobre os diferentes universos de trabalho, que obteve 3.932 respostas; e b)

cruzamento de dados de duas bases nacionais: o Censo da Educação Superior e o Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS).

Desta pesquisa, alguns resultados dão voz ao conjunto de reflexões apresentadas pelos diferentes autores e autoras do presente dossiê. De forma geral, as respondentes apontam que embora a formação em Ciências Sociais tenha sido de grande importância no desenvolvimento pessoal — reconhecidamente para as habilidades como leitura e escrita (para 95% das respondentes), coleta, tratamento e análise de dados (para 88% das respondentes) e pensamento analítico (para 96% das respondentes) — quase 79% das entrevistadas sentiram falta de conhecimentos aplicáveis ao dia a dia de trabalho durante sua formação, e que, neste processo, tiveram que recorrer a outros espaços complementares de formação. Como desfecho, quanto ao atendimento das necessidades profissionais, 47% das consultadas responderam que há espaço para melhorias e 38% que há uma defasagem entre o currículo dos cursos e as necessidades profissionais. A partir da soma dessas respondentes, cerca de 2.410 cientistas sociais (86% da amostra), evidencia-se a mudança no cenário laboral, acarretando em outras necessidades profissionais. Nesse sentido, enquanto currículos não são adaptados à nova realidade, projetos, estágios, bolsas e números temáticos em periódicos como esse preenchem essas lacunas, fomentando novas possibilidades de trabalho a nossas cientistas sociais.

OS TRABALHOS

O dossiê que ora apresentamos reúne um conjunto diversificado e instigante de trabalhos que, a partir de diferentes ângulos e linguagens, refletem sobre os múltiplos campos de atuação profissional em Ciências Sociais.

Abrindo a seção, João Victor Guterres Bordinhão apresenta a arte da capa intitulada “**(BAR)RULHOS DO FUTURO**”, desenvolvida em técnica mista que combina colagem, desenhos manuais e giz pastel oleoso. A composição feita entre folhas amassadas, labirintos densos e a figura de um rapaz em um bar traduz visualmente as incertezas, os percursos sinuosos e os momentos de reflexão solitária que marcam a trajetória da cientista social.

Na sequência, apresentamos meia dúzia de entrevistas, realizadas no marco da disciplina “Antropologia e mercados de trabalho”, oferecida na UnB. Ludmila Mutti A. Rocha e Tiago de Aragão Silva nos oferecem, em “**ENTRE A ANTROPOLOGIA E O CINEMA: uma entrevista com Tiago de Aragão Silva**”, um diálogo rico sobre as possibilidades de trabalho na interseção entre a antropologia e a produção cinematográfica, no qual o

entrevistado compartilha experiências, obras percorridas e conselhos práticos para as interessadas nessa área criativa.

Em **“A ANTROPOLOGIA ME REVELOU NOVAS FORMAS DE VIVER, PENSAR, SER E ATUAR NO MUNDO, OFERECENDO UM HORIZONTE CRÍTICO E TRANSFORMADOR”**: Entrevista com Érica Quinaglia Silva”, Ester Danielle Faria de Sousa e Érica Quinaglia Silva discutem a potente interface entre Antropologia e Direito, evidenciando como a formação interdisciplinar contribui para uma atuação profissional sensível às realidades sociais e culturais.

Vitória Marinho e Rosamaria Carneiro, por sua vez, exploram a intersecção entre Antropologia e Saúde Coletiva em **“A ANTROPOLOGIA ME PERMITE ISSO, É O PASSO ZERO DE TUDO QUE FAÇO E CONECTA TODOS ESSES CAMPOS POR ONDE EU CAMINHO: uma entrevista com a Antropóloga da Saúde Rosamaria Carneiro”** traçando o percurso da pesquisadora até sua inserção nesse campo plural e sintetizando orientações valiosas para estudantes e profissionais da área da Antropologia da Saúde.

Ampliando o leque de possibilidades, Bárbara Ribeiro Perotto e Enrico Spaggiari apresentam **“SE EU NÃO FOR ANTROPÓLOGO NA UNIVERSIDADE, ENTÃO ONDE POSSO SER?: Entrevista com Enrico Spaggiari”**. A entrevista percorre a trajetória acadêmica e profissional do antropólogo, com destaque para a Antropologia Urbana e a Antropologia das práticas esportivas, além da fundação do Instituto Ludopédio, convidando à reflexão sobre o papel da universidade na formação profissional das estudantes.

Ainda, Ricardo Xavier Silveira e Mayra Nascimento Fonseca, em **“UMA COSTURA ENTRE ACADEMIA E O SETOR PRIVADO: Uma entrevista com Mayra Fonseca”**, investigam a inserção de antropólogas no mercado corporativo, mostrando como habilidades como o rigor etnográfico, a gestão do tempo e a comunicação eficaz podem ser adaptadas às demandas do setor privado, com destaque para a figura da “antropóloga consultora”.

E encerrando esse bloco de entrevistas, também nas articulações entre arte e ciência, Anita de Abreu Noleto e Tatiana Barros Souza nos brindam com **“ANTROPOLOGIA COM INTERFACE NA DANÇA: uma entrevista com Tatiana Barros”**, evidenciando trajetórias profissionais que integram práticas artísticas e conhecimentos antropológicos, especialmente na gestão e mediação cultural em contextos transnacionais entre Brasil e Espanha.

Passando a trabalhos de caráter analítico, Calebe Silva de Carvalho, João Luiz Marques Rodrigues, Maria Luíza Dornelles de Carvalho Soares e Sophia Sousa Cagliari

Hernandes apresentam o trabalho **“EDITORAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO: uma análise do impacto da Revista Etcétera na trajetória acadêmica e profissional”**. O estudo de caso demonstra como a participação em periódicos acadêmicos discentes contribui para o desenvolvimento de habilidades como escrita crítica, rigor metodológico e competências valorizadas em diversos contextos profissionais.

Milena Weber, em **“A BOLSA DA CIENTISTA SOCIAL: sobre aprendizagens, habilidades e técnicas”**, oferece um relato de experiência como analista de pesquisa qualitativa em políticas públicas, propondo a metáfora da “bolsa”, inspirada em Ursula K. Le Guin (2025), para pensar como as aprendizagens da formação em Ciências Sociais sustentam a práxis profissional para além da dicotomia entre vida e trabalho.

A docência e a extensão universitária também ganham destaque neste dossiê. Giovana Raupp dos Santos, em **“MEU MUNDO COM MAIS COR: reflexões acerca de uma primeira experiência de prática docente a partir do PIBID – Sociologia”**, narra sua primeira experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), refletindo sobre os dissabores e, sobretudo, os sabores da docência e o uso de metodologias de ensino prazerosas em sala de aula.

Elloiza Sena Alves de Lima, com **“Para além da academia: práticas situadas e mediações socioantropológicas em contextos comunitários”**, analisa sua experiência extensionista em um projeto cultural de grafite no bairro Sarandi (Porto Alegre/RS), evidenciando como as Ciências Sociais podem mediar a relação universidade-comunidade e contribuir para o fortalecimento institucional de coletivos culturais.

Bruno José Medeiros e Alexandre Silva Virgínio, também pensando o PIBID, em **“ENTRE O DESLOCAMENTO E O REENCONTRO: um primeiro ano de PIBID em uma escola pública pioneira antirracista do Rio Grande do Sul”**, trazem um ensaio sobre os deslocamentos pedagógicos, éticos e identitários vivenciados por um professor em formação oriundo do ensino privado ao ingressar em uma escola pública com práticas antirracistas. O texto reafirma o PIBID como política pública fundamental para a formação docente comprometida com a justiça racial.

Ainda no âmbito da extensão, Gabriel Sattler, em **“A Atuação de Cientistas Sociais junto a Movimentos de Catadoras(es): reflexões a partir de uma experiência de extensão universitária”**, reflete sobre o papel das Ciências Sociais na produção de diagnósticos e na mediação entre diferentes atores, a partir do trabalho junto ao Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) após as enchentes de 2024 em Porto Alegre.

Por fim, Taciane de Castro Brugnartotto, com **“VÍNCULOS QUE ENSINAM: A Produção do Ser Professora no PIBID”**, fecha o dossiê com um ensaio sensível sobre a dimensão afetiva, dialógica e ética da prática pedagógica na escola pública, mostrando como a construção de vínculos e a escuta sensível fortalecem uma docência comprometida com a transformação social e a ampliação dos horizontes dos estudantes.

Em seu conjunto, estes trabalhos mapeiam um território vasto e promissor para a atuação profissional em Ciências Sociais, reafirmando o potencial crítico, criativo e transformador da nossa área. Longe de se restringirem aos estreitos limites da reprodução acadêmica tradicional, os textos aqui reunidos demonstram, por meio de entrevistas, ensaios reflexivos, relatos de experiência e análises empíricas, que a cientista social contemporânea transita com desenvoltura e sensibilidade por campos diversos: do cinema à saúde coletiva, do setor privado à gestão cultural, da docência na escola pública à assessoria de movimentos populares, da pesquisa aplicada em políticas públicas à mediação comunitária e à extensão universitária. Os percursos narrados e as trajetórias analisadas evidenciam que as competências fundamentais formadas na graduação, como o olhar etnográfico, a escuta qualificada, a leitura crítica da realidade, a potência de buscar, ler e sistematizar ampla bibliografia, a capacidade de articular diferenças e de traduzir demandas sociais tornam-se diferenciais valiosos em contextos profissionais diversos. Ao dar voz a cientistas sociais que *ousaram* construir pontes entre a universidade e o mundo, este dossiê não apenas documenta experiências bem-sucedidas, mas também cumpre um papel formativo fundamental: convida estudantes e jovens profissionais a enxergarem nas Ciências Sociais não um campo restrito, mas uma verdadeira caixa de ferramentas ético-teórico-metodológicas para intervir criticamente na realidade, com criatividade, rigor ético e compromisso social. Que os textos aqui apresentados sirvam, portanto, como inspiração, e não como roteiro único, sem caráter prescritivo. A construção plural deste trabalho deixa pistas para que cada nova cientista social possa, como as autoras e entrevistadas que nos brindaram com suas vozes, tecer a sua própria bolsa de ferramentas, como belamente nos sugeriu Le Guin, e aventurar-se pelos caminhos, labirintos e barulhos do futuro.

REFERÊNCIAS

ALLEBRANDT, Débora; NASCIMENTO, Pedro; FLEISCHER, Soraya (Orgs.). “Apresentação” in _____. “Desafios para a atuação de antropólogos/as: problematizando a formação, ética e narrativas de trabalho”. *Áltera – Revista de Antropologia*, v. 1, n. 4, p. 7-12, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/altera/article/view/39049> Acesso em: 01 mai. 2026.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANPOCS); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (ABA); ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA (ABCP); SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA (SBS). Onde estão os cientistas sociais? Conhecendo a profissão e o mercado de trabalho. Relatório de pesquisa. Novembro de 2024.

DICIO: Dicionário online de Português. [S. l.], 20[--]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2026.

FLEISCHER, Soraya. Onde uma antropóloga pode trabalhar? Relato de uma disciplina de graduação sobre Antropologia e mercado de trabalho. *Áltera – Revista de Antropologia*, v. 1, n.4, p. 42-61, 2017.

JOB, Maria Carmencita; JAEGER, Margret; MARTÍNEZ ALMONTE, Eréndira. Apresentação . *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 26, n. 71, p. 5–20, 2025. DOI: 10.22456/1984-1191.148676. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/148676>. Acesso em: 29 abr. 2026.

LE GUIN, Ursula K. *A teoría da bolsa de ficção*. Tradução de Isabel Diegues. Rio de Janeiro: Cobogó, 2025.

Artigo recebido em 20/04/2026.

Aprovado em 21/04/2026.